

Franceses falam de "fracasso"

Fritz Utzeri

Correspondente

Paris — "Isolamento", "fracasso", "gosto amargo". Os jornais franceses ontem deram o tom do giro europeu do ministro da Fazenda Dílson Funaro, um giro durante o qual não conseguiu convencer seus interlocutores, sendo recebido "compreensiva mas reservadamente", segundo o *Le Monde*.

O vespertino francês sublinha que durante o encontro com o ministro das Finanças Edouard Balladour, em Paris, Funaro ouviu queixas sobre a posição delicada em que o governo brasileiro deixou seus melhores aliados devido ao que qualificaram como "decisões intempestivas". Segundo o *Le Monde*, a posição do ministro alemão das Finanças, Gerard Stoltenberg, não foi diferente da de seu homólogo francês.

Os créditos franceses liberados pelo governo totalizam cerca de 1 bilhão de francos, mas só a França parece disposta a fazê-lo. Londres e Bonn, segundo os jornais franceses, têm se mostrado bem mais duras com os brasileiros. Segundo o *Monde*, a tentativa de Dílson Funaro de influenciar os governos para que pressionem os bancos a conceder condições mais favoráveis ao Brasil encontrou uma acohida "polida e vaga".

"Quem não se lembra em Paris, Londres, Bonn ou Washington que o Brasil jogou durante muito tempo seus credores privados contra seus credores públicos?", pergunta o jornal, advertindo em seguida que "em sua corrida em busca da credibilidade para obter de seus credores um pouco mais de imaginação ou indulgência sobre o problema da dívida,

o Brasil dispõe ainda de um capital de simpatia. Terá que cuidar-se para não desperdiçá-lo".

Le Matin, socialista, vê o isolamento do Brasil acentuar-se após o ministro Dílson Funaro não ter conseguido convencer seus interlocutores sobre os fundamentos de sua decisão de suspender os pagamentos de juros sobre a dívida. *Le Matin* diz que em todas as escalas Funaro recebeu o mesmo recado polido: "O Brasil deverá negociar diretamente com os bancos privados e seria fortemente desejável que a ordem seja restabelecida na economia, se possível passando pelo FMI".

O jornal lembra que os bancos, "como por encanto", concluíram acordos a jato com outros devedores após a moratória brasileira, dissipando assim o risco de nascimento de um cartel de devedores e reforçando a sua posição face ao Brasil. Os argumentos de Funaro, segundo o jornal, deixaram seus interlocutores como "de mármore" e suas palavras "não encontraram eco".

Os bancos, segundo o *Matin*, querem que o Brasil aplique a receita recessiva clássica do FMI, mas Sarney tem se recusado a fazê-lo e as negociações com os bancos anunciaram-se difíceis ainda mais face à recusa dos governos de pressioná-los. O jornal lembra que no ano passado, na renegociação mexicana, os governos pressionaram os bancos. Em poucas palavras, o Brasil encontra-se cada vez mais isolado e o garrote vai se apertando em volta da oitava potência econômica do mundo.

Le Figaro, liberal de direita, sob o título "O Brasil pleiteia em Paris", começa comentando que o "café brasileiro servido ontem (terça) pela manhã ao

ministro Funaro tinha um gosto amargo", referência à queda de 15% nos preços do café, responsável por 10% das receitas brasileiras de exportação. *Le Figaro* lembra que Funaro não veio à Europa para mendigar novos créditos e recusa-se a seguir o figurino recessivo do FMI. Funaro, segundo o jornal, acha que os países credores devem fazer um esforço como os devedores e sob esse ponto seu encontro com Balladour foi classificado como "positivo", o único qualificativo dessa natureza na imprensa francesa ontem.

O *Libération* (de esquerda independente) fala em "sucesso de estima", para logo em seguida classificar a visita de Funaro como um "meio-fracasso". "O ministro brasileiro não convenceu e a má situação econômica de seu país não deponde a seu favor".

Libération também dá ênfase ao isolamento brasileiro devido à estratégia dos bancos de fazer concessões generosas a outros devedores menos importantes que o Brasil.

L'Humanité (comunista) limitou-se a dar uma pequena nota sobre a visita de Funaro informando que o Brasil deve entre seis e sete bilhões à França. Já *La Croix* (jornal católico) traça um perfil algo favorável de Funaro, "um brasileiro que desafia os financeiros". Segundo o jornal, Funaro só se sente bem na adversidade, face aos desafios. Funaro, segundo *La Croix*, é o antípoda de Delfim Netto, qualificado como "o ministro da ditadura", e de Francisco Dornelles. "Pouco sensível à doutrina ultroliberal, deu as costas ao FMI e defende a tese de que o pagamento da dívida nas condições atuais condena o país ao subdesenvolvimento.